



Serviço Público Federal - Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Rondônia  
Curso de Licenciatura em Educação do Campo  
Ciências Humanas e Sociais  
Campus Rolim De Moura



## A SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO NA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE ANTON MAKARENKO<sup>1</sup>

Lucicleia Braum Medeiros<sup>2</sup>  
Paulo Aparecido Dias da Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo central analisar, a partir de uma pesquisa teórico-bibliográfica, se os elementos presentes na experiência pedagógica dirigida por Anton Makarenko apontam na direção de uma formação humana omnilateral. O modo de produção capitalista, por conta da divisão social do trabalho fundamentada na exploração de uma classe sobre outra, possibilita apenas uma formação fragmentada, utilitária e unilateral inviabilizando, desse modo, uma formação completa, multifacetada, omnilateral. As experiências educacionais dirigidas por Anton Makarenko, pós triunfo da Revolução Socialista de 1917 na Rússia, inauguraram uma nova fase na história da pedagogia, ao desenvolverem um método baseado na teoria marxista que busca formar integralmente os sujeitos através do coletivo. A histórica divisão entre quem pensa e quem executa, entre o dirigente e o dirigido, entre o trabalho e a educação desaparece na pedagogia makarenkiana na medida em que na coletividade e na autogestão todos assumem responsabilidades, atribuições e são interdependentes.

**Palavras Chaves:** Divisão social do trabalho. Educação unilateral. Formação omnilateral.

### INTRODUÇÃO

A educação no âmbito do modo de produção capitalista não forma integral e universalmente os sujeitos. Prioriza-se uma formação para o mercado de trabalho, sem a preocupação com o essencial que deveria ser formar os seres humanos, autônomos, livres, capazes de criar e recriar, de construir as relações sociais que os permitam viver com dignidade do seu trabalho, não permitindo a exploração do capital sobre a força de trabalho.

No modo de produção capitalista a educação é, portanto, pensada para atender os interesses hegemônicos. Nesse contexto, a classe que vive do trabalho é impedida de ter acesso

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: [lucicleiabraum@hotmail.com](mailto:lucicleiabraum@hotmail.com)

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Educação na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus de Rolim de Moura. E-mail: [paapdi@unir.br](mailto:paapdi@unir.br)

a uma formação que possibilite o desenvolvimento de todas as suas dimensões recebendo, portanto, uma educação de caráter unilateral.

Essa unilateralidade da educação é resultado da divisão da sociedade em classes sociais. As classes dominantes apropriam-se da riqueza produzida coletivamente por meio do controle dos meios de produção e, simultaneamente, limitam as possibilidades de apropriação do conhecimento por parte da classe trabalhadora, relegando a esta apenas rudimentos do saber necessários para a execução das suas tarefas no interior da divisão social do trabalho.

A superação dessa dicotomia entre trabalho e educação, entre aqueles que pensam, elaboram e criam e aqueles que executam requer transformações profundas nas relações sociais no sentido de superar a forma capitalista de produção.

Numa perspectiva de superação do modo de produção capitalista, e da educação pensada no interior desse modo de produção, torna-se fundamental conhecer profundamente as experiências pedagógicas bem-sucedidas que se contrapunham à educação burguesa e buscavam consolidar relações sociais não baseadas no lucro e na exploração.

No contexto da Revolução Russa, vitoriosa em 1917, sob a direção do Partido Bolchevique, experimentou-se, no âmbito da educação, novas formas de organizar o trabalho pedagógico com vistas a superar a histórica separação entre trabalho intelectual e manual. Dentre essas experiências, destaca-se o exitoso trabalho desenvolvido por Anton Makarenko ao unir trabalho e educação tendo como organismo principal da sua atividade o coletivo. Essa experiência necessita ser melhor conhecida e divulgada para inspirar formas socialistas de educação e organização política.

Nessa perspectiva, nos indagamos se os elementos presentes na experiência pedagógica dirigida por Anton Makarenko superam a dicotomia entre trabalho e educação e apontam na direção de uma formação humana omnilateral.

Para responder a esta questão elencamos como objetivo geral analisar se os elementos presentes na experiência pedagógica dirigida por Anton Makarenko apontam na direção de uma formação humana omnilateral e como específicos compreender a relação entre trabalho e educação na perspectiva marxista; discutir os conceitos de unilateralidade e omnilateralidade; verificar na teoria e prática da experiência pedagógica conduzida por Anton Makarenko a superação da divisão entre trabalho manual e intelectual.

Trata-se de uma pesquisa teórico-bibliográfica. Segundo Gil (2010, p. 29), a pesquisa bibliográfica tradicionalmente “inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos” e outras fontes como “discos, fitas magnéticas, CDs, bem como material disponibilizado pela internet” (GIL, 2010, p. 29).

Ainda de acordo com Gil (2010, p. 30) a pesquisa bibliográfica permite cobrir “uma gama de fenômenos muito mais ampla que aquela que poderia pesquisar diretamente” sobretudo, “quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço”.

Demo (2000, p. 20) destaca outra característica importante da pesquisa bibliográfica considerando que esta possibilita “reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos”. Esse autor destaca, ainda, que "O conhecimento teórico adequado acarreta rigor conceitual, análise acurada, desempenho lógico, argumentação diversificada, capacidade explicativa" (DEMO, 1994, p. 36).

Gil (2010) indica os passos a serem seguidos no processo de pesquisa teórico bibliográfico. Faremos a identificação das fontes tendo como base livros, obras de referência, periódicos científicos, teses e dissertações, anais de encontros científicos. Após a localização o material foi obtido, lido, selecionado, fichado e analisado.

O artigo organiza-se em três seções. Na primeira, discute-se a relação entre trabalho e educação no pensamento marxista. Na segunda seção abordam-se os conceitos de unilateralidade e omnilateralidade. Por fim, na terceira, discute-se se a experiência pedagógica liderada por Makarenko possibilitou uma formação multifacetada, integral, omnilateral superando, dessa forma, a histórica divisão entre trabalho e educação que caracteriza as relações capitalistas de produção.

## **1 RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA MARXISTA**

O trabalho em Marx diz respeito à relação estabelecida entre o ser humano e a natureza. Ao transformar a natureza homens e mulheres também são modificados no processo. O trabalho é, nesse sentido, a essência humana. Trata-se, no entanto, de uma essência dialética, em movimento constante.

Antes, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil à própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e, ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1983, p. 149).

Na mesma perspectiva Saviani e Duarte (2010, p. 429) “o trabalho é a atividade vital humana, e é nessa atividade pela qual a essência humana é formada historicamente”.

Nas comunidades primitivas não havia divisão de classes e até mesmo a apropriação da terra era através da coletividade, o trabalho era conduzido como um processo de trabalho-

educação, que valoriza a essência humana e se construía como sujeito. Com o aumento da produtividade que conduziu à divisão social do trabalho, e logo, à apropriação privada da terra, provocando um desligamento das comunidades primitivas, conseqüentemente gerou-se a “divisão dos homens em classes” (SAVIANI, 2007, p.155).

Com a divisão dos homens em classes, acarretou também a divisão da educação, logo a educação começou a ser “uma para a classe proprietária, identificada como a educação dos homens livres, e outra para a classe não-proprietária, identificada como a educação dos escravos e serviçais” (SAVIANI, 2007, p.155). As atividades artísticas, intelectuais, com foco militar passaram a ser destinadas aos proprietários. Desse modo, a cisão entre trabalho e educação coincidiu com o surgimento da sociedade de classes.

Nesse mesmo contexto histórico, a “educação dos membros da classe que dispõe de ócio, de lazer, de tempo livre passa a organizar-se na forma escolar, contrapondo-se à educação da maioria, que continua a coincidir com o processo de trabalho” (SAVIANI, 2007, p.156).

Essa separação entre trabalho e educação chegou ao capitalismo. A atividade vital humana assume nesse modo de produção uma forma que submete o trabalhador. O capital ao apropriar-se do trabalho humano coloca-se frente aos trabalhadores os resultados da sua própria atividade como estranhas.

[...] quando Marx diz, por exemplo, que o trabalhador cada vez mais se empobrece, enquanto a força criativa do seu trabalho passa a se constituir, frente a ele, como força do capital, como “potência estranha”, e ele “se aliena do trabalho como “força produtiva da riqueza”. Todos os progressos da civilização, todo aumento das forças produtivas, enriquecem o capital e não os trabalhos acrescentam apenas o poder que domina o trabalho, e daí decorre, como processo necessário, que suas próprias forças se coloquem perante os trabalhadores como estranhas (MANACORDA, 2010, p. 67).

A exploração dos trabalhadores se constituiu como relação histórica por meio da expropriação dos meios de produção dos produtores individuais e pela gradativa divisão do trabalho na manufatura e na grande indústria. Nesta última, a submissão se deu de forma completa na medida em que até o ritmo do trabalho passou a ser ditado pela máquina. Nesse contexto, predomina uma separação entre o trabalho e a educação, entre aqueles que pensam e aqueles que executam e nega-se aos trabalhadores uma educação que os forme em todas as suas dimensões tendo em vista a unilateralidade presente nas relações de trabalho que se reflete na formação dos trabalhadores.

### **1.1 Divisão social do trabalho no capitalismo e unilateralidade**

Através da divisão das classes, divisão do trabalho manual e o trabalho intelectual, a trabalho e educação também são separados em processos distintos.

Segundo Lombardi (2010, p. 248) “ Com a perda do controle da produção e graças à introdução da divisão do trabalho, o trabalhador passou a executar uma única operação, transformando “todo o seu corpo em órgão automático unilateral dessa operação”.

Esta forma de cooperação imposta pelas relações capitalistas de produção criou, de acordo com Lombardi (2010, p. 250) “[...] uma dependência direta das atividades, operações e dos trabalhadores entre si, obrigando cada trabalhador a produzir com continuidade, uniformidade, regularidade, ordenamento e intensidade de produção”. No interior da manufatura o trabalhador perdeu “[...] a autonomia que tinha em gerir o seu tempo de trabalho” (LOMBARDI,2010, p. 250).

Com a manufatura ocorreu, assim, um aprofundamento da cisão entre trabalho qualificado e não qualificado, criando uma divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Aprofundando ainda mais a divisão do trabalho, o controle capitalista da produção possibilitou a utilização dos trabalhadores não qualificados na manufatura, neles desenvolvendo uma especialidade unilateral, reduzindo ainda mais o valor da força de trabalho, pela redução com custos de aprendizagem e, com isso, ampliando a parte de mais-valia apropriável pelo capital. Marx foi preciso ao observar a relação que o capital passou a impor entre o trabalho e a formação ou qualificação do trabalhador, mas que não passava de um treinamento básico para que o trabalhador individual pudesse executar tarefas estabelecidas (LOMBARDI, 2010, p. 251).

A divisão no interior da manufatura, embora impusesse o controle do capital sobre a produção, o fez de forma limitada considerando que o trabalhador ainda possuía um certo controle sobre o ritmo do trabalho.

O controle do capital sobre a produção, originado da divisão e apropriação pelo capital dos conhecimentos necessários à produção, e da apropriação da ciência e sua transformação em força produtiva, sob controle do capital, deu-se na manufatura de modo limitado, enriquecendo o trabalhador coletivo de forças produtivas sociais, mas deformando e empobrecendo o trabalhador individual submetido à ignorância e superstição (LOMBARDI, 2010, p.253).

É somente na grande indústria que a cisão se completa com a introdução da maquinaria.

[...] É um produto da divisão manufatureira do trabalho opor-lhes as forças intelectuais do processo material de produção como propriedade alheia e poder que os domina. Esse processo de dissociação começa na cooperação simples, em que o capitalista representa em face dos trabalhadores individuais a unidade e a vontade do corpo social de trabalho. O processo desenvolve-se na manufatura, que mutila o trabalhador, convertendo-o em trabalhador parcial. **Ele se completa na grande indústria, que separa do trabalho a ciência como potência autônoma de produção e a força a servir ao capital** (MARX, 1996, Tomo 1, p. 475, grifo nosso).

Marx (1996) chama atenção para a forma como os ideólogos da burguesia se preocupavam com as consequências da divisão do trabalho no âmbito da exploração capitalista, assim como para suas recomendações.

A fim de evitar a degeneração completa da massa do povo, originada pela divisão do trabalho, A. Smith recomenda o ensino popular pelo Estado, embora em doses prudentemente homeopáticas. Seu tradutor e comentarista francês G. Garnier, que no primeiro império francês metamorfeou-se em senador, polemiza conseqüentemente contra essa idéia. O ensino popular contraria as leis primordiais da divisão do trabalho e com ele .se proscreeveria todo o nosso sistema social (MARX, 1996, Tomo 1, p. 476 apud LOMBARDI, 2010, p.53).

De acordo com Duarte (2004) o capitalismo, no que diz respeito a formação dos indivíduos, possui uma contradição insanável.

O capitalismo cria insatisfação porque ele produz as condições para o desenvolvimento livre e universal da individualidade, mas frustra esse desenvolvimento ao subjugar os seres humanos ao poder do capital. A única satisfação que ele permite é a satisfação medíocre, vulgar, decorrente da compra de mercadorias, a satisfação do desejo de “ter” (DUARTE, 2004, p. 241).

Duarte (2004, p. 234) acrescenta que com a superação do capitalismo entraríamos numa “fase na qual os indivíduos poderiam desenvolver-se de forma livre e universal, na medida em que possuiriam o controle coletivo das forças produtivas da sociedade”.

Uma sociedade socialista deve ser uma sociedade superior ao capitalismo e para tanto ela terá que incorporar tudo aquilo que, tendo sido produzido na sociedade capitalista, possa contribuir para o desenvolvimento do gênero humano, para enriquecimento material e intelectual da vida de todos seres humanos (DUARTE, 2004, p. 222).

Desse modo, o socialismo seria essa sociedade em que os indivíduos teriam a sua vida enriquecida material e intelectualmente, ou seja, a formação omnilateral seria uma possibilidade concreta.

## **1.2 Formação omnilateral**

A omnilateralidade diz respeito à formação humana em todas as dimensões, do ser humano multifacetado, em suma, trata-se de uma formação integral. Essas características da omnilateralidade situam-na no sentido oposto ao da formação unilateral que tem sua origem no trabalho alienado e na divisão social do trabalho que coloca em planos distintos aqueles que pensam e aqueles que executam.

Antunes (2005) afirma que devemos rejeitar o trabalho em sua dimensão alienada que infelicitiza o ser social e, dialeticamente, é necessário reconhecer seu potencial emancipador.

Foi por meio do ato laborativo, que Marx denominou atividade vital, que os indivíduos, homens e mulheres, distinguem-se dos animais. Mas, em contraposição, quando a vida humana se resume exclusivamente ao trabalho, ela frequentemente se converte num esforço penoso, alienante, aprisionando os indivíduos de modo unilateral. Se por um lado, necessitamos do trabalho humano e reconhecemos seu potencial emancipador, devemos também recusar o trabalho que explora, aliena e

infelicita o ser social. Essa dimensão dúplice e dialética presente no trabalho é central quando se pretende compreender o labor humano (ANTUNES, 2005, p. 13).

Uma formação omnilateral que supere a dicotomia entre trabalho e educação necessita de condições que não são oferecidas no modo de produção capitalista e se constitui, de acordo com Manacorda (2007) como:

[...] a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo, a uma totalidade de capacidades de consumo e de prazeres, em que se deve considerar sobretudo o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho (MANACORDA, 2007, p. 90).

Essa chegada histórica diz respeito ao momento em que os antagonismos de classe desaparecem. Para Marx e Engels (1987, p. 126) somente nessas condições será possível “uma associação onde o livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos”. Ainda de acordo com esses autores:

[...] ao passo que, na sociedade comunista, onde cada um não tem um campo de atividade exclusivo, mas pode aperfeiçoar-se em todos os ramos que lhe agradam, a sociedade regula a produção geral e me confere, assim, a possibilidade de hoje fazer isto, amanhã aquilo, de caçar pela manhã, pescar à tarde, à noite dedicar-me à criação de gado, criticar após o jantar, exatamente de acordo com a minha vontade, sem que eu jamais me torne caçador, pescador, pastor ou crítico” (MARX; ENGELS, 2007, p. 35).

Marx e Engels (2004, p. 69) entendem que a formação da classe trabalhadora deve abranger as dimensões formadoras que permitam elevá-la acima das classes burguesa e aristocrática. Para atingir esse objetivo a educação deveria combinar trabalho produtivo pago, educação intelectual, exercícios corporais e formação politécnica compreendida como aquela que “recolhe os princípios gerais e de caráter científico de todo o processo de produção e, ao mesmo tempo, inicia as crianças e os adolescentes no manejo de ferramentas elementares dos diversos ramos industriais” (MARX; ENGELS, 2004, p. 69).

Essa perspectiva supera a formação unilateral que resulta da divisão de classes ao mesmo tempo em que também transcende a divisão entre o trabalho intelectual e manual e anuncia a possibilidade de outras formas de relações sociais não baseadas na exploração de uma classe sobre a outra. As classes burguesa e aristocrática, produzidas pela divisão do trabalho, seriam superadas pela classe trabalhadora que, formada omnilateralmente, estaria acima de ambas. Burguesia e aristocracia, se tornariam, dessa maneira, desnecessárias.

## **2 SUPERAÇÃO DA DIVISÃO ENTRE TRABALHO INTELECTUAL E MANUAL NA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE ANTON MAKARENKO**

Anton Semiónovich Makarenko grande pedagogo e escritor ucraniano, nasceu na cidade de Bielopólhe, região de Kharkov, Ucrânia. Ficou conhecido pelo seu trabalho pedagógico com meninos e meninas delinquentes. O educador tinha a preocupação de reeducar esses jovens para atuarem na sociedade socialista, tendo como base a organização escolar como coletividade (LUEDEMANN, 2002).

Makarenko passou pela Primeira Guerra Mundial e também pela Revolução Russa, viu a constante luta dos países para se livrar da miséria e das desigualdades sociais. Dentre os anos de 1920 a 1927 estava frente a direção da colônia Gorki, uma instituição rural que acolheu os jovens delinquentes da época, logo em seguida conduziu a Comuna Dzerjnski até 1935 (LUEDEMANN, 2002).

Filho de Semion Grigorievich e Tatiana Mikhailovna Dergachova, seu pai trabalhava como pintor nas oficinas das ferroviárias de Belopólei, cidade a qual se mudaram após o casamento. Sua mãe dona de casa muito atenciosa com a educação dos filhos, uma mulher otimista, gostava de narrar histórias de contos e lendas ucranianos, toda a educação dos filhos foi marcada pelos detalhes da vida proletária. Anton Makarenko era o segundo filho da família, a irmã mais velha se chamava Alexandra, seguido dos irmãos mais novos, Natália e Vitali (LUEDEMANN, 2002).

Tento uma saúde debilitada, a mãe de Anton percebeu que o filho não seria um operário igual ao pai, mas tinha em mente que ele poderia ser um professor primário e que poderia dar aulas nas escolas da ferrovia, com pouco de conhecimento que tinha decidiu ensinar tudo a seu filho (LUEDEMANN, 2002).

Quando completou cinco anos de idade Anton Makarenko, lendo fluentemente e escrevendo, com a ajuda de sua mãe estava pronto para entrar na escola primária, seu pai com a preocupação se seria viável mandar Anton para uma escola, com o salário muito baixo não saberia se daria conta de comprar os livros, uniforme, cadernos. No seu outro filho ele depositava a esperança de ser um operário igual a ele, com as filhas o destino seria o da mãe, casar e de ser dona de casa, mas pela sua saúde não caberia ser operário e muito menos soldado, o que restava para Anton era ser professor (LUEDEMANN, 2002).

Em 1895, com sete anos de idade, ingressou para a escola primária, mas sabia que a escola teria um outro significado para ele, pois deveria apreender bem, ser dedicado para conseguir ensinar, seu pai deixou claro:

As escolas urbanas, não foram feitas para nós, e já que você quer estudar, então obrigatoriamente terá que demonstrar ao professor o seu talento. Se não obtiver boas

classificações... melhor nem voltar para casa... quero ver somente as melhores notas ... você entendeu? (CAPRILES,1989, p. 42).

De acordo com Luedemann (2002, p. 47) Makarenko estudaria “como quem trabalha duro para mostrar o quanto valia o filho de um operário horado”, seu pai sabia que as escolas realmente não foram feitas para a maioria do povo na medida em que “o grande Império Russo não tinha um sistema nacional de ensino até o final do século XIX e início do século XX: 71% dos homens e 87 % das mulheres eram analfabetos. Entre as crianças, apenas 20 % chegavam a sentar nos bancos escolares” (LUEDEMANN, 2002, p. 47).

Aos dezesseis anos, Makarenko termina o ginásio, optando por continuar nas escolas para a especialização da rede ferroviária, outros de seus colegas de classe seguiram carreira militar, Makarenko foi um dos poucos que decidiu pela continuidade dos estudos para se formar professor de ensino primário. Nesse período ele conheceu as obras de Gorki, que falava sobre a rebeldia que o povo deveria ter em relação ao governo. Dentro dessas obras Makarenko também começou a ter interesse por estudar e conhecer a história de seu povo, a cultura, as raízes, os trabalhadores, a educação das crianças que era voltada para a vida da ferrovia (LUEDEMANN, 2002).

Em setembro de 1905, Makarenko iria começar a exercer seu papel de professor na Escola Primária Ferroviária de Kriúkov, como professor de língua russa, a escola oferecia cinco anos de estudo para os filhos dos ferroviários (LUEDEMANN, 2002).

A visão de mundo e principalmente as ideias pedagógicas de Anton Makarenko, mesmo antes da revolução, foram fortemente baseadas em Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lenin e também em livros de Máximo Gorki. Luedemann (2002, p.20) observa que “a pedagogia de Makarenko está marcada pela ‘sociologia’ leninista, que coloca como necessária a formação de um novo homem para a sociedade socialista: trabalhador e culto, que saiba comandar e se subordinar aos companheiros”. Que visa uma sociedade capaz de abolir a divisão de classes e tendo a educação como papel fundamental.

O Estado soviético contribuiu efetivamente para aumentar os níveis educacionais dos trabalhadores criando “[...] todas as condições necessárias para que isso acontecesse. Por exemplo, para todos os que estudavam, a jornada de trabalho foi reduzida em duas horas diárias, com completa conservação do salário” (CAPRILES, 1989, p. 30). Além disso, nesse novo contexto, colocava-se a tarefa de formular uma nova pedagogia para atender os desafios impostos pela revolução.

Com o triunfo da Revolução de Outubro, o dever dos pedagogos era criar uma nova metodologia da docência, dedicada a instruir o homem novo. Os soviéticos não

somente tinham libertado a classe operária, mas também os sábios e os intelectuais, entre outras camadas profissionais que até então trabalhavam nas condições mais sombrias imagináveis. Particularmente, nas áreas de linguística e pedagogia, o campo de atuação que se apresentava com a mudança era gigantesco: os educadores teriam que alfabetizar dezenas de milhões de pessoas e instruir todas elas de acordo com as exigências políticas do socialismo (CAPRILES, 1989, p. 74).

Makarenko assumiu o desafio de trabalhar com jovens delinquentes que sofreram e cometeram diversas formas de violência. O viés punitivista e policialesco adotado no período anterior à revolução produzia efeito oposto ao pretendido e deveria ser descartado.

Na Rússia pré-revolucionária, todos os reformatórios infantis eram considerados estabelecimentos de tipo correcional e dependiam da administração judicial. Nestas verdadeiras prisões, os menores delinquentes eram, simplesmente, isolados da sociedade. Este tratamento sempre produzia um efeito contrário ao desejado, gerando, na grande maioria dos casos, psicopatas incorrigíveis. Com a mudança dos valores sociais, a visão de uma reclusão punitiva foi rejeitada logo no início dos estudos dos programas de reabilitação. Essa solução policialesca era incompatível com as novas diretrizes formuladas pela comissão Górkí, as quais exigiam que fosse feito um trabalho concreto de readaptação das crianças e dos jovens, mediante a educação, com a finalidade de fazer deles cidadãos perfeitamente integrados na produção social (CAPRILES, 1989, p. 79).

A pedagogia de Makarenko na União Soviética, de acordo com Maia (2015, p. 74), contribuiu de forma relevante para a construção de educação transformadora na medida em que pensou e praticou uma formação que considerava todas as dimensões humanas. Sua prática pedagógica buscava construir uma “nova sociedade, uma nova ordem, na perspectiva de superar as classes sociais, as desigualdades, as diferenças econômicas, a divisão social do trabalho, a dicotomia entre trabalho intelectual e trabalho manual, descrito no conjunto da obra, de Marx, Engels, Lênin”.

Makarenko elabora, então uma pedagogia original, anti-rousseauiana e não-espontânea, embora toda a literatura pedagógica da época fosse tal, mas voltada para uma exigentíssima ‘educação dos sentimentos’, frequentemente, num aparente contraste com os interesses das crianças, assim como elas o entendiam. Esta educação tão exigente se realiza especialmente através da conexão entre instrução e o trabalho produtivo, do qual as crianças podem ver os frutos concretos e no qual são necessariamente levadas à colaboração com o coletivo de que são parte. Ao lado da educação dos sentimentos e do trabalho, o ‘coletivo’ é o outro grande motivo da pedagogia de Makarenko: mas ele constatou que o próprio coletivo pode ter validade educativa somente se não lhe faltam perspectivas de vida e de alegria, ‘da alegria do amanhã’ como ele diz. A educação dos sentimentos é viável somente se se conseguem propor essas perspectivas de tal forma que de individuais tornam-se de grupo e do grupo cheguem à classe social, ao povo todo e todos os homens do mundo. O trabalho, a colaboração, as perspectivas de alegria e a felicidade para todos os homens (e não apenas a felicidade do indivíduo, expressada no *Setecentos* por Locke, Rousseau e pelos revolucionários da América e França) eram os métodos e os fins da pedagogia de Makarenko, tão exigente e rigorosa, quanto otimista” (MANACORDA apud LUEDEMANN, 2002, p. 24).

Na Ucrânia, as diretrizes pedagógicas “estavam fortemente influenciadas pelo modelo rousseauiano de educação de educação, valorizando a educação da criança” (LUEDEMANN, 2002, p. 23). Makarenko questionava essa perspectiva, pois essa pedagogia “não poderia ser considerada ciência da educação se não fosse guiada pela psicologia experimental” (LUEDEMANN, 2002, p.23).

Makarenko, por outro lado, buscava a “criação de um método que, sendo comum e único, permitia, ao mesmo tempo, que cada personalidade independente desenvolva as suas aptidões, conserve a sua individualidade e avance pelo caminho das suas vocações” (CAPRILES,1989, p. 98).

A revolução abriu, subitamente (para mim), um enorme campo de trabalho; comecei a ampliar minha proposta sobre uma educação nova partindo do coletivo para poder formar uma personalidade humana livre, sem escravidão econômica. ” (MAKARENKO apud CAPRILES, 1989, p. 76).

No interior do processo histórico revolucionário Makarenko conseguiu pensar um método educativo que realmente contribuiria para a formação do ser humano no âmbito escolar e social, pensando nas crianças e adolescentes que iriam atuar na nova sociedade.

Devemos falar não somente sobre a formação profissional da nova geração, senão também sobre a educação de um novo tipo de conduta, dos caracteres, traços e qualidade da personalidade que são necessários no Estado Soviético. Os objetivos do trabalho executivo somente podem ser deduzidos pelas exigências que a sociedade apresenta (MAKARENKO apud CAPRILES, 1989, p. 95).

Uma preocupação que o educador tinha era que além de unir o trabalho intelectual e o trabalho manual no processo educativo, deveria haver também um prazer, uma alegria que transmitisse o quão importante era esse trabalho que não ficasse somente na formação profissional para o mercado de trabalho que reflete a formação no âmbito do modo de produção capitalista.

Estou convicto de que a finalidade da nossa educação reside não somente em educar um homem de espírito criador, um homem-cidadão capacitado para participar com a máxima eficiência na edificação do Estado. Nós devemos educar, também, uma pessoa que seja obrigatoriamente feliz (MAKARENKO apud CAPRILES,1989, p.49).

Segundo Capriles (1989, p.35) para Makarenko “ a prática pedagógica é a organização do coletivo, para a educação da personalidade no coletivo, somente, através do coletivo”, então o aprendizado e a transformação do ser humano ocorre através da vida em coletividade, que por mais que tenhamos nossa individualidade somente nos transformamos realmente através de outro ser humano.

Makarenko compreendeu que precisaria de uma essência moral para construção da nova sociedade, foi então que extraiu uma regra: “Um coletivo operário livre não deve parar no seu desenvolvimento; a forma de existência de um coletivo humano livre é o seu progresso. Deter esse movimento é uma forma de caminhar para a morte (MAKARENKO apud CAPRILES, 1989, p. 109).

Para Makarenko o trabalho pedagógico consistia em todos serem capazes de realizar as suas tarefas, obrigações e se sentirem realizados ao praticá-las encontrando sentido na coletividade. Extrair o que há de melhor em cada ser e ao mesmo tempo ter respeito pleno pelo outro.

Defendia a formação de caráter coletivo. Acreditava em uma formação capaz de modificar o mundo em que os seres se apropriam da natureza de forma que se modificam e também modificam a natureza ao mesmo tempo.

Makarenko define coletivo como um “organismo social vivo e, por isso mesmo possui órgãos, atribuições, responsabilidades, correlações e interdependência entre as partes. Se tudo isso não existe, não há coletivo, há uma simples multidão uma concentração de indivíduos” (MAKARENKO apud CAPRILES, 1989, p.13).

Frigotto (2017, p. 212) observa que Marx evidencia que o processo de humanização ocorre socialmente e que não existe mundo humano fora da história. Em consonância com essa perspectiva, Makarenko constrói uma pedagogia que supera o individualismo e o idealismo burguês apoiando-se no coletivo como organismo principal na organização da escola socialista.

Em última análise, eu defendia a criação de um coletivo vigoroso, e, se necessário, severo e motivado, e só sobre o coletivo é que eu apoiava todas as esperanças. Os meus oponentes me jogavam na cara os axiomas da pedologia e ficavam girando somente em volta da ‘criança’ (MAKARENKO, 1989, p. 153).

O educador tinha claro que o resultado econômico do trabalho dos educandos deveria estar voltado para o coletivo e visando o desenvolvimento de cada um da colônia, os educandos têm que formar capacidades para escolher suas perspectivas de vida, entender que sua vida e seu trabalho fazem parte da sociedade e é isso que move, assim ser da seguinte forma:

a) o trabalho só se tornará um instrumento eficaz da educação comunista se for integrado ao conjunto da organização do processo educativo; além disso, este sistema não tem nenhum sentido se todas as crianças e adolescentes não participarem das formas de trabalho socialmente útil, adaptadas às suas idades; b) é preciso que estas diferentes formas de trabalho, enquanto participação obrigatória da autogestão e do trabalho produtivo, sejam organizadas sobre a base técnica mais moderna possível e tendo por eixos uma criação técnica seletiva, assim como um trabalho gratuito efetuado no interesse de todos: uma vez preenchidas essas condições, as crianças e adolescentes tiram partido da riqueza das relações que determinam o desenvolvimento harmonioso e livre da personalidade; c) o coletivo, seus órgãos e seus delegados devem se encarregar, em medida sempre crescente, de organizar o trabalho e de tomar as decisões relativas à repartição dos benefícios, à compatibilização dos salários, à

utilização de diversos estimulantes materiais e morais e à organização do consumo (MAKARENKO apud FILONOV, BAUER, BUFFA, 2010, p. 20).

Makarenko sistematizou uma organização da coletividade e da produção que se deu através dos destacamentos para melhor funcionamento do trabalho.

a) todos os educandos se dividem em destacamentos que também vigoram na produção; b) o número dos integrantes do destacamento deve estar entre 7 e 15. Não deve haver mais de 15 pessoas num destacamento. Como demonstrou a experiência, a coletividade básica formada por muitos membros subordina-se mal a quem a dirige e, por sua vez, o dirigente não está em condições de controlar todos os membros do destacamento; c) se os educadores trabalham na produção em dois turnos, é preferível formar os destacamentos com crianças do mesmo turno; d) se o grupo de máquinas é muito pequeno, podem ser formados destacamentos que incluam educandos do primeiro e do segundo turnos, mas esta forma é menos conveniente visto os membros do primeiro turno não se contatarem durante o trabalho com os do segundo; e) se as condições do trabalho o permitirem, é recomendável, em alguns casos, formar destacamentos que garantam a fabricação das mesmas peças desde o início até o fim; f) cada destacamento deve estar alojado num mesmo dormitório ou num grupo de dormitórios contíguos; g) no refeitório, os membros de um destacamento devem sentar-se à mesma mesa (MAKARENKO, apud FILONOV, BAUER, BUFFA, 2010, p. 51).

O destacamento era conduzido por um chefe, um dos membros do grupo. A escolha desse chefe se deva por designação e eleição.

1.É necessário designar os chefes em todos os casos em que não exista uma coletividade forte e a organização da Juventude Comunista for ainda insuficientemente forte para dirigir a opinião na coletividade. [...] 2. Nas coletividades bem organizadas com uma forte organização da Juventude Comunista, deve ser adotado o sistema de eleição dos chefes de destacamentos (MAKARENKO, apud FILONOV, BAUER, BUFFA, 2010, p. 55).

Chefes são eleitos em assembleias gerais da coletividade, só tem direito ao voto os membros que faziam parte da comuna, os chefes dos destacamentos tinham que ter uma ligação com o coletivo que o elegeu e sua responsabilidade, mas para ser chefe do destacamento era escolhido um que tinha interesses com a instituição, ser um bom aluno, ser educado, trabalhador de vanguarda, ser preocupado com os menores, capacidade para dirigir e honradez.

O chefe de destacamento é considerado um dos trabalhos mais responsável, é como uma prova de confiança da coordenação e a coletividade sobre ele.

[...] o chefe de destacamento deve preocupar-se por todas as esferas decisivas do trabalho como: a iniciativa no trabalho, a disciplina, o fornecimento de materiais, a luta contra a perda de tempo e as faltas no trabalho, a utilização de boas ferramentas, as boas instruções, a organização do local de trabalho, a existência de uniformes aceitáveis, as normas adequadas e uma documentação correta (MAKARENKO apud FILONOV, BAUER, BUFFA, 2010, p. 56).

A combinação entre trabalho e educação tendo o coletivo como organismo central se constituiu como uma exitosa experiência pedagógica e produtiva. De acordo com Capriles (1989, p. 149) a fabricação das máquinas fotográficas FED, em homenagem ao engenheiro Félix Edmundovítch Dzerjinski, reconhecida internacionalmente pela sua qualidade, foi uma iniciativa de grande impacto. O autor destaca que nessa fábrica trabalhavam apenas meninos e meninas entre treze e quinze anos. Nesse contexto, conforme Capriles (189, p. 149):

A educação pelo trabalho transformou-se numa educação produtiva, o que em outras palavras significava ter atingido um nível pedagógico bem elevado, pois alternavam-se conscientemente os estudos e o trabalho. Nessa época, a comuna já tinha 500 educandos que eram chamados “operários de choque”. Além da dedicação total à educação produtiva, os dzerjinskianos não descuidavam também da cultura geral. Liam os principais jornais e revistas soviéticos, praticavam vários esportes, divertiam-se, participavam de debates políticos, enfim, eram realmente felizes.

Na comuna Dzerjinski, primeira escola em regime de autogestão, por conta dos sucessos na produção, muitos dirigentes que estavam ligados ao comissariado de instrução passaram a exigir até seis horas de trabalho por dia.

De acordo com Capriles (189, p. 148) Makarenko, ao contrário, “insistiu sempre em que as aulas eram de muita importância e deviam ocupar pelo menos de cinco a seis horas diárias”. Decidiu-se por uma posição de consenso destinando-se quatro horas para o trabalho na produção e quatro a cinco horas diárias ao estudo.

A posição de Anton Makarenko de manter a maior carga horária diária destinada aos estudos, lazer e cultura condiz com a proposição de Marx.

Esta atividade vital de produzir os bens imperativos à vida não esgota as múltiplas dimensões do desenvolvimento humano ao longo da história, mas é condição necessária. O caráter imperativo do trabalho, como resposta a necessidades vitais, Marx o entende como dimensão da esfera da necessidade, comum aos demais seres vivos da natureza. A luta histórica é para diminuir o tempo humano nessa atividade e liberar as atividades do mundo da liberdade em que o humano pode se dilatar. Mas a esfera da necessidade e da liberdade não é separável, uma vez que um *quantum* de trabalho social para prover os meios de vida imperativos é necessidade intrínseca ao ser humano. É na esfera da liberdade que a omnilateralidade pode se desenvolver e se qualificar. Nesta esfera está o mundo da criação e da educação para a arte, a estética e a educação dos sentidos etc (FRIGOTTO, 2017, p. 218).

Assim, diminuir a esfera da necessidade, ou seja, o tempo destinado para garantir as necessidades vitais dos seres humanos e aumentar o tempo destinado à esfera da liberdade em que a omnilateralidade se desenvolve é um imperativo para uma pedagogia se proponha revolucionária.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscou-se por meio desta pesquisa identificar e analisar se os elementos presentes na experiência pedagógica dirigida por Anton Makarenko apontam na direção de uma formação humana omnilateral e superam, desse modo, a cisão entre trabalho e educação estabelecida historicamente com o surgimento das sociedades de classes.

Durante a pesquisa foi possível verificar o quanto o modo de produção capitalista expropria os trabalhadores tanto do seu trabalho quanto dos seus conhecimentos. A formação humana ocorre com base em pressupostos individualistas com vistas a reproduzir as relações capitalistas na medida em que busca atender as necessidades do mercado de trabalho e se resume a uma formação unilateral.

Em contraposição à esta formação unilateral, Marx e Engels propuseram uma educação que formasse integralmente os sujeitos elevando-os acima das classes exploradoras. Anton Makarenko, no contexto da edificação do socialismo na URSS, desenvolveu uma nova pedagogia, sob a inspiração do marxismo, para atender as necessidades da sociedade socialista. Centrada no coletivo a experiência pedagógica dirigida por Makarenko formou omnilateralmente sujeitos que antes, e nos primeiros anos após a revolução, estavam abandonados e dedicavam-se a furtos, roubos e prostituição como forma de garantir a sobrevivência. Ao unir trabalho produtivo e educação de forma transformadora, rompendo com a lógica da educação burguesa e a centralidade do individualismo, construiu uma educação socialista fortalecendo a personalidade do sujeito através da coletividade.

Pode-se afirmar, desse modo, que as experiências educacionais desenvolvidas por Makarenko, forjadas nos desafios da construção do socialismo, superaram a histórica divisão entre trabalho e educação, entre quem pensa e quem executa ao criar mecanismos de autogestão, um coletivo vigoroso e destinar várias horas diárias a uma sólida formação intelectual, cultural e cuidados com o corpo que, ao mesmo tempo, formava indivíduos felizes e comprometidos com a coletividade.

Essa pesquisa possibilitou, ainda, uma reflexão acerca da necessidade de pensar uma educação que dialogue com a pedagogia socialista e que vise realmente uma formação emancipadora, buscando compreender as necessidades do sujeito, de uma vida digna para as classes trabalhadoras. Além disso, Makarenko através de sua prática pedagógica nos provoca a pensar sobre a coletividade, envolvendo os educadores e educandos em um processo de educar e reeducar os sujeitos que vão atuar na sociedade.

## **THE OVERCOMING OF THE DICHOTOMY BETWEEN WORK AND EDUCATION IN THE PEDAGOGICAL EXPERIENCE OF ANTON MAKARENKO**

## ABSTRACT

This research aims to analyze, from a theoretical-bibliographical research, if the elements present in the pedagogical experience directed by Anton Makarenko point towards an omnilateral human formation. The capitalist mode of production, because of the social division of labor based on the exploitation of one class over another, allows only a fragmented, utilitarian and unilateral formation, thus making a complete, multifaceted, omnilateral formation impossible. The educational experiments directed by Anton Makarenko, after the triumph of the 1917 Socialist Revolution in Russia, ushered in a new phase in the history of pedagogy by developing a method based on Marxist theory that seeks to fully shape subjects through the collective. The historical division between thinker and performer, between the leader and the directed, between work and education disappears in Makarenkian pedagogy to the extent that in collectivity and self-management everyone takes on responsibilities, attributions and is interdependent.

**Keywords:** Social division of labor. Unilateral education. Omnilateral Formation.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e a sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2005.

CAPRILES, René. **Makarenko. O nascimento da Pedagogia Socialista.** São Paulo, SP: Editora Scipione, 1989.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1994.

DUARTE, Newton. **Crítica ao fetichismo da individualidade.** Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2004. P.422-590.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **O legado de Marx para a construção do projeto da pedagogia socialista.** Ind. **Pedagogia socialista: legado da revolução de 1917 e desafios atuais.** CALDART, Roseli Salete; BÔAS, Rafael Litvin Villas (Orgs.). 1.ed.—São Paulo: Expressão Popular, 2017.

FILONOV, G. N; BAUER, C.; BUFFA, E. (Orgs.). **Anton Makarenko.** Tradução de Ester Buffa. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Maçangana, 2010.

LOMBARDI, José Claudinei. **Reflexões sobre educação e ensino na obra de Marx e Engels.** Campinas, SP: [s.n.], 2010.

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. **Anton Makarenko: vida e obra- a pedagogia na revolução.** São Paulo: Expressão Popular, 2002.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. P.77-94.

MAIA, Lucíola Andrade. A pedagogia socialista de Makarenko: notas pedagógicas. **Revista Dialectus**, ano 2, n. 7, setembro-dezembro 2015.

MARX, Karl. **O capital**. V. I, tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos antológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação. V 12 n 34 jan. /abr.2007.

SAVIANI, Dermeval; Duarte, Newton. **A formação humana na perspectiva historio-ontológica**. Revista Brasileira de Educação. v 5 n 45; set/dez.2010. P 422-590.